

# AS TAREFAS DA FILOLOGIA

Antônio Martins de Araújo

(UFRJ, ABRAFIL e Academia Maranhense de Letras)

## 1. Introdução

Estamos diante de uma pergunta, cuja resposta, à primeira vista, não comporta tergiversações nem implica maior compromisso com os outros setores do conhecimento do homem.

Ora, a primeira dificuldade que se nos apresenta é situar bem o problema, para melhor respondido. Inicialmente, temos de saber de qual Filologia se trata. Porque, se levarmos em consideração a evolução dos conhecimentos do mundo ocidental, haveremos de ater-nos ou à Filologia Clássica, ou à Filologia das Línguas Modernas, ou a ambas, cada qual de sua vez.

Em vista disso, teremos de socorrer-nos da Filosofia, para a aquisição dos conceitos exatos; das revistas especializadas, que nos fornecerão a visão atual do problema; e, finalmente, à tradição didática sobre o assunto. É o que faremos.

## 2. Conceitos de Ciência e Técnica

Creemos ser necessário, antes de formularmos a opção de uma resposta para a indagação acima, conceituarmos inicialmente o que vem a ser Ciência e o que vem a ser Técnica, para, depois de apreciarmos a história, a evolução e as relações recíprocas com os outros ramos do conhecimento humano, verificarmos, com maior margem de segurança, onde enquadrar a Filologia.

Assim é que, segundo Régis Jolivet, Ciência, do ponto de vista objetivo, é: “um conjunto de verdades certas e logicamente encadeadas entre si, de modo que formem um sistema coerente;”<sup>1</sup> enquanto, do ponto de vista subjetivo, é, segundo o mesmo autor: “o conhecimento certo das coisas por suas causas ou por suas leis.”<sup>2</sup>

Por outro lado, apesar de se encontrar muita vez hoje confundido com tecnologia, um sentido mais estrito, e mais de acordo com as condições de nossa época, o termo *técnica* designa particularmente os métodos fundados no conhecimento científico, em práticas conscientes e metodicamente elaboradas, em oposição às operações simples e costumeiras, efetuadas sem análise prévia.<sup>3</sup>

Uma vez que vimos os conceitos modernos de Ciência e Técnica, convém agora darmos uma olhada no antigo conceito de Filologia, para um consequente posicionamento da questão.

1 JOVILET, Régis. *Traité de Philosophie*. 2ª ed. Lyon-Paris, Emmanuel Vitte, 1945. 1.º vol., p.158-159.

2 *id.*, *ibid.* p. 152

3 Enciclopédia Brasileira Mérito. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, Edit Mérito, 1963. vol. 19 p. 192-193

### 3. Filologia Clássica

Certa escola alemã, em voga até bem pouco tempo, hipertrofiava o conceito de Filologia, de tal modo que, tanto no sentido estrito, como no sentido lato do termo, quase todas as Ciências Sociais se subordinavam àquela. Assim o entendia, por exemplo, Gudeman:

“A) *Filologia* estrictamente considerada: Paleografia, Crítica Textual, Hermenêutica, Gramática e Retórica, Crítica superior (estética o literária) de los autores griegos y latinos.

B) *Filologia* en su más *amplio* sentido comprende el estudio e investigación de la Antigüedad griega e romana en sus más variados aspectos, según nos la ofrecen los diversos documentos literarios y monumentales, que se nos han conservado.”<sup>4</sup>

Como observamos, a ênfase é posta em circunstâncias alheias ao objeto, ou pelo menos em aspectos que o cerceiam no tempo e no espaço – a antiguidade greco-romana, e não no objetivo em si. Note-se que a Egiptologia foi incluída posteriormente nesses estudos.

É de tal ordem a vinculação da Filologia à História, que Gerche chega a afirmar: “Filología és Historia, e Historia és Filología. És una sola ciencia en sua objeto y en sus métodos, que tan sólo puede, de momento, dividirse en la práctica, que para nada afecta a su esencia.”<sup>5</sup>

Ora, apesar de trabalhar a Filologia, assim como trabalha a História, com documentos, e ter como objetivo a crítica, no moderno e científico senso da palavra, o conceito de Filologia modificou-se muito através dos tempos, e hoje está rigorosamente delimitado, conforme veremos mais adiante.

### 4. Disciplinas auxiliares

Como vimos, a escola alemã subordinava praticamente todos os ramos das ditas Ciências do Homem ao império da Filologia. De certo modo ainda dentro dessa tradição, Francisco da Silveira Bueno, então catedrático único de Filologia Portuguesa em universidades brasileiras, delimitava assim o campo de sua cátedra:

“I – *Disciplinas essenciais*: Gramática, Estilística, Poética, História da Língua Portuguesa, História da Literatura.

II – *Disciplinas secundárias*: História da Civilização, História de Portugal, Antiguidades ou Instituições Portuguesas, Mitologia e Religião, Folclore Peninsular.

4 KROLL, Wilhelm. *Historia de la Filología Clásica*. Barcelona-Buenos Aires, Labor, 1928. p. 9.

5 *id.*, *ibid.* p. 8.

III – *Disciplinas complementares*: Arqueologia, Epigrafia, Numismática, Metrologia, Artes, Paleografia, Ecdótica e Hermenêutica, História da Filologia Portuguesa.”<sup>6</sup>

Conquanto o professor paulista distinguisse vários graus de complementaridade nessas chamadas disciplinas auxiliares, é de estranhar o papel desprezível que reservou à Ecdótica em sua classificação, subestimando a indiscutível necessidade de que esta se reveste para a existência daquela.

### 5. Filologia e Ecdótica

Não há filologia sem documentos escritos. Trate-se de manuscritos, trate-se de textos impressos, impõe-se a Ecdótica como a mais importante das técnicas caudatárias da Filologia. De tal forma é reconhecida a importância daquela, que ainda hoje há quem não faça diferença nenhuma entre o filólogo e o crítico textual, como o fez recentemente Antonio M. Scarcella:

“Compito del filólogo è quello di costituire il testo di un’opera letteraria, risalendo, per quanto gli è possibile, dalle testimonianze in suo processo all’autografo dell’autore dell’opera stessa. La ricostruzione dell’originale è ciò che si chiama “critica testuale”; la ricostruzione delle fasi storiche, attraverso cui i vari testimoni sono passati, è invece la cosiddetta “storia” del testo.”<sup>7</sup>

Quantos manuscritos ainda permanecem à espera do seu editor crítico nas bibliotecas européias e americanas, sobre as coisas que interessam ao Brasil. E quanto, se publicados, elementos forneceriam para estudos filológicos, para o conhecimento de sua época, para apreciação de seus hábitos e ideias. Se as nações mais antigas não esgotaram ainda esse filão, que não dizer do Brasil, país novo que se vem descobrindo paulatinamente nesse setor?

Não há dizer, outrossim, que a Ecdótica, em si mesma, chegou a seus limites. *Mutatis mutandi*, diz-nos respeito igualmente a nós, o tão oportuno aviso de Housman, lembrado por Ham: “Supõe-se que houve progresso na ciência da crítica textual, e o mais frívolo pretendente aprendeu a falar superciliosamente dos antigos dias não científicos. Os antigos dias não científicos são perdurantes; estão aqui e agora.”<sup>8</sup>

### 6. Filologia e Gramática

Houve tempo em que a Filologia andou sendo confundida com a Gramática. Fruto da tradição universitária alemã, Carolina Michaëlis de Vasconcelos conceituava assim a Filologia em 1.912:

- 
- 6 BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de Filologia Portuguesa*. São Paulo, Saraiva, 1954. p. 35.
- 7 SCARCELLA, Antonio M. Gli studi metologici di filología clásica nell’ultimo cinquantennio. *Cultura e scuola*. Roma. 10 (38): p. 65.
- 8 HAM, Edward B. Crítica textual e senso comum. Trad. de Antônio Houaiss. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro. 29 (30): p.31.

“Filologia portuguesa é o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia, etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional.”<sup>9</sup>

Nesse mesmo diapasão, insiste, mais adiante a mestra berlinense:

“Tanto são *filólogos* os historiadores e investigadores de *literatura*, como os historiadores e investigadores de línguas que procuram resolver cientificamente problemas positivos, historiando e comparando, quer fonéticos, morfológicos, sintáticos – gramaticais, portanto – quer etimológicos, semasiológicos (lexicografos) ou dialectológicos – isto é, de *origens*.”<sup>10</sup>

Ora, como vimos, continua ainda a insistência em chamar-se a atenção para os pontos comuns da Filologia com a Gramática, por um lado; e, com a Literatura, por outro.

## 7. Filologia e Literatura

Aparecendo pela primeira vez o termo φιλόλογος na tradição cultural ocidental, em Platão, com o significado de “bom falador” ou “admirador da boa palavra”; já por Eratóstenes, no século II a.C., é usado com o significado de “muito douto” em relação a si mesmo, significado até há bem pouco tempo corrente. Dois séculos depois, empregaram-no ainda com esse mesmo significado Estrabão e Dionísio de Halicarnasso, contrariamente ao consenso geral helênico, em que, com o sentido específico usado atualmente, preferiam usar χριτχός ou γραμματιχός.

Não é de admirar tanta proximidade semântica, entre esses termos de vez que a Gramática, a Filologia, e mais a Literatura, têm como objeto a palavra. De maneira muito feliz, Gladstone Chaves de Melo situa os campos das duas últimas assim:

“O filólogo, realmente, vê a língua, analisa a língua, as formas, as construções, acompanha, através de documentos cronologicamente sucessivos, a evolução dos fonemas, das formas, do emprego das formas e da construção da frase. Ou induz, de textos relativamente contemporâneos, as normas válidas na época A ou B. Nada disso interessa ao historiador da literatura. Interessa-lhe propriamente, a *mensagem estética*, a *visão da vida*, que tais documentos trazem ou revelam, e isso em bloco, como um todo, sem entrar em detalhes miúdos, sem anatomizar, sem aplicar o microscópio.”<sup>11</sup>

9 VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa, Revista de Portugal, 1956. p. 156.

10 *id.*, *ibid.* p. 154.

11 MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967. p. 19.

Isso posto, vale dizer que, enquanto o filólogo procura a verdade do texto, o esteta persegue-lhe a beleza.

## 8. Filologia e Linguística

Têm, desde Meillet, igualmente andado entrelaçados esses dois ramos do conhecimento humano. No alentado volume *Linguística Romana*, de Iorgu Iordan, por exemplo, se recenseiam as teorias, correntes e métodos de linguistas e filólogos de e sobre línguas românicas. Veja-se, por ilustração do que vai dito aqui, a nota bibliográfica que se encontra no final do livro.<sup>12</sup>

Há, portanto, uma ênfase para esse novo tipo de enfoque, deslocando o alvo da ciência em si, ou melhor, ampliando as conquistas da Filologia Românica com as conquistas da Linguística Românica, e pondo tudo sob a mesma égide. Deve-se o fato à intensidade e ao volume de estudos em cada grupo de línguas da Europa. Daí, hoje, periódicos, manuais, repertórios bibliográficos, e toda uma série de publicações, referentes não só à romanística, mas também à helenística, à germanística, à eslavística, etc., etc., etc.

Opondo as duas, Gladstone Chaves de Melo diz:

“A Linguística, porém, ou Glotologia, ao invés de Ciência aplicada, é uma ciência puramente especulativa. O seu objeto formal é a língua em si mesma, a língua como fato social da linguagem. Não a língua A ou B, mas o *fenômeno-língua*, sua estrutura, seu conteúdo, sua essência, seus processos, suas relações com o pensamento, com o sentimento, com a vontade, com a sociedade, com a cultura, sua evolução, estabilidade e desagregação, causas da estabilidade e fatores de diferenciação, interação linguística, etc., etc.”<sup>13</sup>

Muito tem a dever a Linguística, todavia, à Filologia Clássica, pelo rigor científico, pelo aperfeiçoamento dos métodos, em suma, por todo o cabedal cultivado em tantos séculos de trabalhos e pesquisas de devotados sábios. Alguém já disse que todo grande linguista foi antes filólogo. Se Bally realizou a convergência dessas duas disciplinas em seu *Linguistique générale et linguistique française*, Wartburg e Ullmann o apontaram como exemplo.

Em que pese o seu método indutivo – muito embora manipule a observação e a experimentação – podemos concluir pelo caráter especulativo da Linguística, sua natureza inclinada para a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia, indagando sobre o geral em vez do particular, buscando uma explicação ontológica do homem.

12 IORDAN, Iorgu. *Linguística Românica*. Madri, Alcalá, 1967. p. 685-688.

13 *op. cit.* p 24.

## 9. Conceito e objeto da Filologia

Dentro do consenso e da tradição didática e científica ocidental, está visto que a Filologia é também uma ciência histórica, pois que trabalha com a prova testemunhal dos documentos de uma língua ou de uma família de línguas, exercendo permanentemente a análise e a crítica, no sentido moderno e científico que esta última possui.

Numa obra de feição histórica, dentro da tradição alemã já apreciada por nós, e que teve seus préstimos na década de quarenta do século passado, *Lingüística y Filología Clásica*, Antonio Tovar disse:

“El problema principal con que se encuentra el filólogo con afán de no perderse en la hojarasca del detalle, es el del exceso de bibliografía. Después de tener que examinar la mucha literatura que hay sobre cualquier cuestión, es muy difícil pensar con frescura y originalidad acerca de ella.”<sup>14</sup>

Qual seja o objeto da Filología, será fácil determinar a partir do momento em que tenhamos reconhecido que houve antigamente uma Filologia Clássica, quase totalmente exaurida hoje, e, atualmente, uma Filologia das Línguas Modernas, que cresce dia a dia em quantidade e qualidade de pesquisas e trabalhos. Enquanto aquela se preocupava com a cultura da antiguidade tão distante de nós, esta última se volta para o aqui e agora, e o seu campo continua a oferecer-se prodigamente à fecundação de novas sementes.

Isso posto, vamos chegando ao final de nosso estudo, situando o *corpus* da Filologia das Línguas Modernas:

- a) o estudo das origens dos idiomas;
- b) as fases de evolução dos fonemas;
- c) as relações sintáticas ;
- d) as mutações semânticas.

Em suma, repetimos o conceito que Leite de Vasconcelos aplicou à Filologia Portuguesa:

“Nas minhas preleções entendo de ordinário por Filologia Portuguesa o estudo de nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura olhado sobretudo como documento formal da mesma língua.”<sup>15</sup>

## 10. Conclusão

A noção de Ciência, como a entendemos hoje e já vimos na introdução deste trabalho, - diferente da idéia grega de *episteme* (conjunto de técnicas e habilidades)

14 TOVAR, Antonio. *Lingüística y Filología Clásica / Su situación actual*. Madrid, Revista de Occidente, 1944. p. 152.

15 VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1959. p. 9.

e da noção escolástica medieval, vem do século retrasado. A Ciência, por sua vez, bifurca-se em duas grandes áreas: de uma lado, as Ciências Naturais, com *status* reconhecido universalmente, como a Matemática, a Física, a Química e a Biologia com suas ramificações e cruzamentos: e, de outro lado, com *status* discutível, ou apenas parcialmente aceito no mundo atual, as Ciências Sociais, como a Sociologia, a Psicologia e a História, desenvolvidas a partir do século XIX com as diretivas encontradas atualmente.

O *status* científico é negado por alguns às Ciências Sociais, pelo fato de não terem atingido, segundo eles, a forma aperfeiçoada de conhecimento e formalização daquelas, na pretensão descabida de desejarem para a consecução do *status* científico o rigor dos postulados e princípios, conclusões e deduções da física matemática.

Ora, se se discute em termos relativos (já que de modo absoluto, nem as Ciências Naturais estiveram sempre infesas à imperfeição, à falta de rigor e à falibilidade humana da formulação), face ao objeto em que exerce sua atenção, face à seriedade dos seus propósitos, face ao crescente aperfeiçoamento dos seus métodos e à verdade de suas conquistas, não há por que negar o caráter de ciência aplicável à Filologia que os verdadeiros conhecedores de suas normas vêm praticando nestes últimos anos.

## ANEXOS

Para o potencial inexplorado pelos filólogos, veja-se, por exemplo, o que diz Antônio Tovar no capítulo intitulado Filología e Historia — Tendencias más recientes, do seu livro *Lingüística y Filología Clásica*:

“Los temas filológicos no se encuentran, ni mucho menos agotados: cada nueva época, cada país, cada temperamento personal tienen novedad que decir sobre los más sobados autores y textos.”<sup>16</sup>

A respeito da falibilidade das Ciências Naturais, apoiamo-nos no que diz o *Dicionário Crítico de Comunicação*, de Caim Samuel Katz *et alii*:

“A noção implícita de ciência conteria, como categorias fundamentais, o rigor e a formalização. No entanto, vários exemplos de dentro das ciências naturais sugerem que nem o *rigor* nem a *formalização* constituem o centro, o núcleo da contribuição científica. O fato mais notável é o surgimento da teoria da relatividade restrita em 1905. A contribuição de Einstein, do ponto de vista formal, se limitou a repetir um conjunto de equações chamadas “transformações de Lorentz”, que o físico holandês Hendryk Lorentz vinha utilizando desde 1898. O grande avanço de Einstein não foi um avanço *formal*, mas sim *conceitual*. Einstein mostrou, em 1905, qual o significado *físico* das transforma-

16 *op. cit.* p. 141.

ções de Lorentz, *interpretando-as* através do postulado da constância da velocidade da luz.<sup>17</sup>

Para a necessidade de convergência entre a Linguística Descritiva e a Histórica (vd. p. 9, *in fine*), escutem-se Wartburg e Ullmann:

“Le résultat auquel nous sommes arrivé clôt en même temps l’hiatus évoqué au début de notre étude entre linguistique descriptive et linguistique historique, entre être et devenir, statique et dynamique. Si Saussure avait opposé à la science historique du langage l’exigence d’une science descriptive, et si, dans son livre chargé d’avenir *Linguistique générale et linguistique française*, Bally a réalisé cette exigence, la future science du langage doit chercher à atteindre un stade qui unisse les deux méthodes dans une communauté organique et fasse ressortir avec toute la netteté voulue l’interdépendance du système et du mouvement.”<sup>18</sup>

---

17 KATZ, Caim Samuel; DORIA, Francisco Antônio; & LIMA, Luiz Costa. *Dicionário Crítico de Comunicação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1971. p. 44.

18 WALTBURG, W/ vol & ULLMAN, S *Problèmes et methods de la linguistique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1969. p. 203.